

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Semeador”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 254-255. ISBN: 972-774-133-9.

Semeador.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Sementeiro, Servidor das Sementeiras, Embelgador.

O *semeador* é um trabalhador rural eventual (ver **Jornaleiro***), contratado para a tarefa específica da sementeira, assim como nas outras estações do ano o era para outros trabalhos. Silva Picão inclui-o no grupo do pessoal transitório: “Acomoda-se expressamente para a sementeira dos cereais”, e, além do salário, pode “ganhar também uma searinha de três ou quatro alqueires de sementeira”, o que significa que pode também ser pago em terras para semear. “Em certas «casas» evita-se a acomodação de criado próprio para semelhante serviço, por o desempenhar o *sota* ou outro criado anual.” (Silva Picão, Elvas, 1903). Por este motivo é muito rara a sua presença nas fontes; no entanto ainda o encontramos na Lavoura de Palma (1872-82), com a grafia *semiador* e a ganhar entre 280 e 360 réis de jorna em 1873; e em Almeirim (1918-1928). As referências a esta profissão remontam à Idade Média: nas posturas da câmara de Évora (1375 – 1395) encontra-se o *Servidor das Sementeiras* (Pereira, 1885).

Até à introdução da maquinaria agrícola, estes trabalhos eram realizados manualmente ou com o auxílio de carros de tracção animal. Após a passagem do **Boieiro*** ou do **Maioral das mulas***, que lavravam a terra com o arado, entrava em acção o *Embelgador*: “Assim se intitula o homem que *embelga* para imediata sementeira, mediante o salário ou soldada de um ganhão. Embelgar significa dividir a terra em regos pequenos, e descreverem faixas largas e compridas, que se chamam *belgas*. Servem para nortear o semeador na distribuição e espalhação da semente. A embelgação é feita com a *jangada* de um pequeno *arado*, movido por qualquer besta” (Silva Picão, Elvas, 1903). Começa então o *Semeador* ou *Sementeiro* (Registos Paroquiais, Avis, 1791 e Lavoura de Lopes de Azevedo, 1915-19) a espalhar a semente. Atrás segue-o o arado, conduzido por um ganhão, a revolver a terra para enterrar a semente antes que os pássaros a comam.

Maria Leonor Buescu (1958) descreve este trabalho em Monsanto: “O semeador percorre essas *velgas* duas vezes, em sentidos opostos, lançando a semente do lado direito para o esquerdo, de modo que a terra, no fim das duas idas, fica coberta de semente, em toda a sua extensão, de modo uniforme. O gesto do semeador implica uma regularidade ritual de movimentos, impregnado de uma gravidade e lentidão impressionantes. A semente é lançada num semicírculo e o gesto inicia-se no momento em que o semeador põe o pé direito à frente. A cada dois passos corresponde uma *mão-cheia* de semente, pois o gesto só se conclui quando o pé esquerdo avança por sua vez. O semeador leva o *sementeiro* pendurado do ombro esquerdo. O *sementeiro* é um saco vulgar cuja corda de fecho vai ligar a extremidade superior a que se encontra presa com a extremidade inferior do mesmo lado – o *pernil* – formando uma espécie de alça que o suspendo do ombro do homem. (...) As restantes *juntas*, enquanto a primeira segue à frente do semeador, abrindo as *velgas*, seguem depois dele, lavrando com o *arado de pau* para cobrir a semente de terra.” (Buescu, Monsanto, 1958).